

“A nossa convivência com o nosso pedacinho de chão e com a natureza é intensa”

O primeiro encontro com o casal Dona Maria Amélia, Seu Raimundo e seus três filhos/a (Madalena, Francisco e Samuel), se deu na casa da família situada na comunidade de Riacho do Paulo no Município de Apuiarés, localizado a 115km da capital cearense, Fortaleza. Dona Maria Amélia nos recebeu e deu as boas vindas cheia de alegria. Antes de iniciar a linha do tempo e o mapa da propriedade, escutamos logo: “é para falar do nosso quintal e da nossa cisterna, né?”, disse ela com orgulho. A agricultora toma a frente e nos convida para um cafezinho e em seguida para conhecermos seu agroecossistema enquanto nos



Seu Raimundo, Dona Amélia (esposa), Cecília (nora), Madalena (filha) e Izabelly (neta).

conta sua história...

“Sou casada com Raimundo há 27 anos, e sou muito feliz, juntos formamos uma família de três filhos/a que a gente ama muito, e já tão quase todos criados/a com sacrifício que só a gente mesmo e Deus sabe. Já temos até netinha. São pessoas de bem, graças a Deus, e eles ajudam a gente na lida da roça.”



Dona Amélia desenhando o mapa da propriedade da família



Seu Raimundo colhendo cebolinha e coentro

Entusiasmada, ela relata algumas conquistas que tiveram e fala ainda, do sofrimento em tempos de estiagem. “Chegamos aqui na propriedade em 1989, construímos nossa casa com muito custo, e a alimentação de nossa família na época era muito trabalhosa; enfrentamos muitas secas e plantar era mais difícil, e ao mesmo tempo cuidar das crianças ainda pequenas. Passamos a fazer parte do sindicato dos trabalhadores rurais daqui da cidade no ano de 2000. Água para consumo, era retirada de um açude pequeno, que quando secava era um tormento. Até água para a gente beber era difícil”, recorda dona Amélia, que logo em seguida, nos conta sobre um período com mais dignidade, que é quando começa a ter acesso a água. “Meu filho, hoje estamos muito mais felizes, é olhar para a frente de nossa casa e para o lado, e ver duas cisternas. A pequena, que foi a primeira que conquistamos, foi uma alegria sem fim para quem não tinha o que beber no verão, passamos a ter água da chuva bem guardada, e o que é melhor, sem precisar de pegar os galão de água como era antigamente. Agora é só felicidade, com água até para cozinhar.”

Era o início de uma vida mais plena, com a melhoria inclusive da saúde da família. “Depois, quando foi em 2015 (ano também que iniciou-se a transição agroecológica), as coisas já iriam ficar bem melhores, porque participamos de um bocado de curso (capacitações) onde a gente aprendeu muita coisa, inclusive que é melhor para a saúde plantar sem veneno. Pois é, ali a gente estava realizando outro sonho nosso: uma cisterna grande, que é essa aqui”, disse a agricultora e voltou a ficar em silêncio enquanto olhava emocionada para a cisterna de enxurrada da família que ainda com água pela metade, é essencial para irrigar a produção de coentro, cebolinha, mamão, banana, capim, alface, goiaba, manga, acerola e coco em um solo bem cuidado e que resiste em permanecer verde. A família Sousa, tinha conquistado ali o direito à uma alimentação saudável e com diversidade na mesa. Do nosso lado, Seu Raimundo “regava o canteiro”, nos chamou a atenção para contar sobre outras atividades agregadas como a criação de galinhas e porcos que a família tem numa outra parte do quintal, e a importância da cisterna para poder produzir o milho para esses animais, bem como matar a sede dos mesmos. Toda a família usufrui da tecnologia e do que é produzido.

Retornamos para o alpendre ventilado da casa, quando o agricultor e a agricultora nos convidaram para mais uma e última prosa: “A gente sabe, mas não gosta nem de lembrar, que nos tempos de seca, antes dessas ‘belezuras’ (as cisternas) aí, as famílias da zona rural, do campo mesmo como a gente diz, partiam para a cidade grande em busca de uma vida melhor, mas quando chegavam lá encontravam era mais sofrimento nas terras alheias. Ah, tinham também os saques, sem falar no desespero da fome. Hoje não, a gente aqui vive bem, com coragem, com força, resistindo como dá. A nossa convivência com o nosso pedacinho de chão é de muito amor, e rezando com fé em Deus que o inverno venha bom para a gente ter mais felicidade para o ano que chega, plantando coisas boas e colhendo melhores ainda, temos fé em Deus que tudo vai ficar melhor”, finaliza a família.



Realização



Apoio

